



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIII Jornada de Extensão

O TRABALHO DO PSICÓLOGO ACESSOR EM EMPRESAS FAMILIARES RURAIS – TRANSMISSÃO E MITO FUNDADOR¹

Patricia Mafalda de Ávila², Adriane Costa Beber Weiler³, Patrícia Batista Trentin⁴, Tania Maria de Souza⁵.

¹ Artigo desenvolvido durante a realização de Estágio em Psicologia Organizacional e do Trabalho

² Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, estagiária-assessora da Unigestar – Assessoria em Psicologia Organizacional e do Trabalho, patricia.avila@unijui.edu.br

³ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, estagiária-assessora da Unigestar – Assessoria em Psicologia Organizacional e do Trabalho, adribeber@hotmail.com

⁴ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, estagiária-assessora da Unigestar – Assessoria em Psicologia Organizacional e do Trabalho, paty.trentin@yahoo.com.br

⁵ Professora Supervisora, Psicanalista, Mestre em Educação nas Ciências, Curso de Psicologia, taniaph@terra.com.br

Resumo: Este trabalho propõe-se, a partir de experiências de estágio de assessoria em psicologia organizacional e do trabalho, pensar formas de intervenção em empresas familiares rurais que apresentam situações de conflitos, sobretudo em relação à transmissão, das quais tentativas práticas/burocráticas não deram conta de resolver. Na construção deste trabalho nos propusemos em fazer uma amarragem entre experiência e prática sustentados no referencial teórico da psicanálise.

Palavras-Chave: Empresa familiar rural, transmissão, mito fundador, assessoria, conflito

Introdução: Este trabalho se propõe a estudar e apresentar as questões que o psicólogo se depara ao iniciar um trabalho de assessoria junto às empresas familiares rurais. Busca-se fazer uma amarragem entre teoria e prática a partir da experiência de estágio na Unigestar – Assessoria em Psicologia Organizacional e do Trabalho. Partimos de alguns traços próprios das empresas familiares rurais e fizemos relação com alguns conceitos teóricos como Real, Simbólico, Imaginário, tempo lógico, mito fundador e sintoma.

Metodologia: Escutas individuais e de grupo, dinâmicas, devolutivas através da construção de projetos específicos para cada estágio e revisão bibliográfica.

Resultados e discussão: Partindo de nossa experiência de estágio na Unigestar, conseqüentemente, à nossa inserção em projetos com empresas familiares, começamos a nos indagar acerca de algumas especificidades, tais como a existência da propriedade rural e a dificuldade em limitar até onde algo é familiar ou quando passa a fazer parte do “negócio”. Desta maneira, acompanhamos consultorias administrativas que eram chamadas a auxiliar na construção de acordos societários, onde nos deparamos com questões próprias deste trabalho: a relação muito próxima entre propriedade, família e

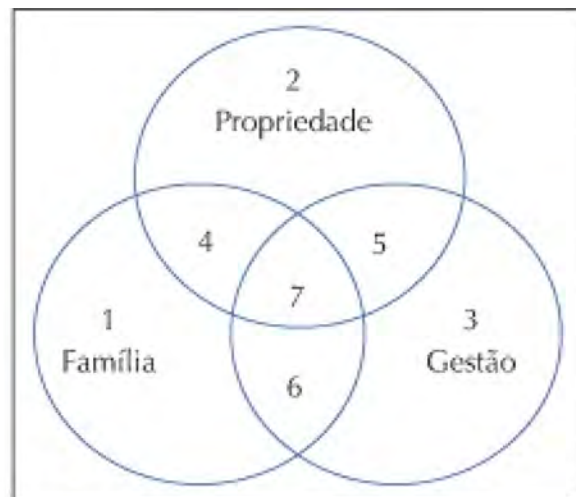




Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIII Jornada de Extensão

trabalho que, ao mesmo tempo parece torná-las inseparáveis e, em contrapartida, de onde também emergem alguns conflitos. No modelo apresentado pela consultoria encontramos uma representação a partir de três círculos que se entrelaçam (Figura 1).



Fonte: Gersick *et al.* (1997, p. 6)

Figura 1 Modelo de Três Círculos da Empresa Familiar

Nesse modelo, identificam-se sete setores: setor 1 - membro da família, que não é proprietário nem funcionário; setor 2 - proprietário, que não é membro da família nem funcionário; setor 3 - funcionário, que não é proprietário nem membro da família; setor 4 - proprietário, que é membro da família, mas não trabalha na empresa; setor 5 - proprietário, que trabalha na empresa, mas não é membro da família; setor 6 - membro da família, que é funcionário, mas não é proprietário; setor 7 - proprietário, que é membro da família e trabalha na empresa.

Pode-se observar, nas empresas com as quais tivemos contato, a distribuição de lugares conforme descrita a partir da figura 1, embora isso não garanta que o lugar de cada um esteja claro para os próprios membros da sociedade. Assim, o trabalho da consultoria administrativa, a partir de definições de funções, cargos, salários, produção de contratos, entre outros, vai ao encontro da tentativa de esclarecer esses pontos. Todavia, não garante que sejam suficientes. Logo, há um limite até onde a consultoria consegue ir, onde surgem entraves que aparecem através de conflitos no qual o trabalho administrativo, jurídico e contábil não consegue dar conta. Estes conflitos indicam a necessidade de um trabalho da psicologia para escutar além do que está sendo dito.

A entrada de uma assessoria em psicologia organizacional e do trabalho em empresa familiar rural inicia-se a partir de um trabalho de consultoria psicológica com a leitura do sintoma. Em um primeiro tempo, se conhece a empresa, sua cultura, as pessoas que dela fazem parte, seus documentos, ou seja,



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIII Jornada de Extensão

todas as suas faces. Nesta ocasião propõe-se a construção de um projeto que vem a ser um recurso utilizado para o trabalho. Então, tem-se o momento de apresentação do mesmo que é construído a partir da leitura que se fez da empresa. Essa apresentação busca a implicação dos envolvidos na questão conflitante permitindo a realização e efetivação do trabalho da assessoria.

O período de consultoria pode ser o tempo de construção de um laço transferencial, um vínculo de confiança que permite a implicação dos envolvidos, conseqüentemente, o que sustenta toda a possibilidade de trabalho da assessoria em psicologia. Podemos dizer, assim, que a assessoria consiste no acompanhamento do projeto e na possibilidade de efetivação do mesmo, através de apontamentos, dinâmicas, escutas – individual ou grupal – e intervenções em geral a partir do laço transferencial.

Pensando no tempo lógico que Lacan dispõe em seus Escritos (1998), entende-se que o tempo da consultoria consiste no instante de ver, a devolutiva está no tempo de compreender e a assessoria, por sua vez, traz a possibilidade do momento de concluir. Um ponto importante deste tempo lógico é pensar no mito fundador.

O que queremos dizer é que, com este trabalho de assessoria, passamos a nos indagar acerca do que funda uma sociedade familiar rural, o que faz com que se ligue justamente a estes ou aqueles traços e que permite que se sustente este laço da propriedade herdada – ou que ainda será herdada –, uma família que se dispõe a si mesma trabalhar juntos sobre este bem. Desta forma, pareceu-nos fundamental pensar acerca do mito fundador, aquilo que diz respeito a um “furo” que permite fundar algo. Neste sentido, Chauí nos diz que

Mito na acepção psicanalítica: impulso à repetição por impossibilidade de simbolização e, sobretudo, como bloqueio à passagem à realidade. Mito fundador porque, à maneira de toda fundatio, impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa, que não permite o trabalho da diferença temporal e que se conserva como perenemente presente. Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para se exprimir, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. (Chauí, 2000, p. 32).

Podemos perceber o quanto há algo da história inicial que constitui o mito da instituição e que está constantemente presente e repetindo-se como algo sem elaboração, algo não resolvido e que muitas vezes nem é falado – ou “mal falado” –, como num engano ou um mal entendido. A emergência disso que não é falado se dá através do sintoma.

Voltando à figura 1, pensamo-la a partir do nó borromeu (Figura 2). É no entrelace de três círculos – real, simbólico e imaginário (R-S-I) que aparece um quarto círculo, o sintoma. Assim, podemos pensar que a família se situa no Simbólico porque é uma instituição que define lugares; a gestão enquanto trabalho traz uma questão de poder que é Imaginária; e a propriedade ficaria no plano do Real (conforme Figura 3).



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIII Jornada de Extensão

Figura extraída do Seminário Livro 23, O Sinthoma, de Jacques Lacan, conforme referência bibliográfica

Figura criada a partir das figuras 1 e 2.

Nas empresas rurais familiares a amarragem dos três círculos é dada pela constituição de uma sociedade que, assim como Lacan propõe na amarragem R-S-I, também diz de um sintoma. O sintoma é aquilo que firma o nó, ou seja, diz ao mesmo tempo de uma estrutura e também do pathos – o que faz sofrimento. O termo firma refere-se aqui, àquilo que amarra os círculos e também à designação comumente utilizada pelas empresas rurais familiares que referem ao seu negocio sob o mesmo termo. O sintoma no qual somos chamados a intervir já é uma produção que aparece como efeito do enlace – propriedade, família e gestão (R-S-I). De onde vem esse sintoma? Ele diz do mito fundador. O mito





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIII Jornada de Extensão

funda-se a partir de um “furo” que não se sabe qual é, mas que deixa uma falta que dá origem ao mito de fundação. É no rastro desse mito que lemos os traços e marcas deixados e com os quais nos ocupamos e intervimos a fim de provocar movimentos que quebrem a repetição cristalizada na instituição.

Nosso trabalho, portanto, vem no sentido de desvendar, de fazer ver aquilo que está velado e repetindo-se pelo véu do sintoma. Desse modo, não se trata de destruir, desmascarar, eliminar o sintoma para não ficar preso a ele. Traços e sintomas não são para serem apagados, mas para serem lidos. O engano que se produz no sintoma não é uma mentira, mas uma versão própria do que se fundou. Como coloca Chemama.

Parece-me que a posição do analista não pode ser, aqui, a de denunciar a mentira, como se ela fosse apenas um simulacro sem nenhuma consistência. Está claro que é preciso, antes, considerar que esse mito exprime e produz algo de essencial para o sujeito. (CHEMAMA, 2000, p. 26)

Cabe aqui a questão: qual é a função de um mito? Costa (1999, p. 237) nos diz que o “mito é aquele que faz parar o pai em algum lugar. (...) O mito tem essa função de parada, de produzir uma origem.” Quando pensamos no mito em uma sociedade familiar rural, pensamos acerca de que “pai” é esse que fez parada ali e organiza a sociedade.

Nas empresas que acompanhamos, sempre há um traço desta fundação que retorna como sintoma. Portanto, no trabalho de assessoria é preciso estar atento, pois, é a partir dos traços deixados por este mito que podemos ler quais os que se repetem e a partir dessas marcas poder provocar uma mudança, dando a ver que há outras possibilidades para além da fixidez do sintoma.

Conclusões: É perceptível que há uma relação entre o modo como se constitui as empresas rurais familiares (família-propriedade-gestão) e a formação do sintoma, de acordo com a leitura psicanalítica (Real-Simbólico-Imaginário). Nas questões às quais somos chamados a trabalhar enquanto assessor é possível ver a existência de uma repetição que diz do mito fundador. Constatamos também que a entrada da assessoria em psicologia só é possível a partir de uma consultoria em psicologia que

de acordo com o tempo lógico está no instante de ver, por ser ainda um tempo de suposições. Na sequência entramos com a assessoria que, no tempo de compreender, permite a leitura do sintoma e a implicação da empresa na intervenção sobre a repetição do sintoma. O trabalho da assessoria pretende mostrar que dar sequência à repetição não é a única saída para a empresa, uma vez que há sempre, a possibilidade de uma outra escolha.

Agradecimentos: Agradecemos à empresa de consultoria Foco Rural e à Unigestar que viabilizaram a realização dos estágios, bem como à professora Tania Maria de Souza pelo suporte de supervisão e orientação na realização deste trabalho.

Referências Bibliográficas:

CHAUÍ, Marilena. Brasil: o mito fundador. Brasil psicanálise, ficção e memória, Porto Alegre, ano 9, nº 19, p. 23-36, out., 2000.

CHEMAMA, Roland. Interrogações sobre o Brasil e suas repercussões para a psicanálise. In: _____. Imigrações e fundações. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.p. 21-30.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIII Jornada de Extensão

COSTA, Ana Maria Medeiros. Herança e dívida. In: SOUSA, Edson Luiz André de (Org.). *Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. Parte V, p. 234-239.

GERSICK, K.E. ET al. *De geração para geração: ciclos de vida das empresas familiares*. 4 ed. São Paulo: Negócio Editora, 1997.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 23. O sintoma*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução Sergio Laia; revisão André Telles]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LACAN, Jacques. *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*. In: _____. *Escritos*. [tradução Vera Ribeiro]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.p. 197-213.